

---

# Cadernos ASLEGIS

ISSN 1677-9010 / [www.aslegis.org.br](http://www.aslegis.org.br)

---

# Análise fundamentalista do discurso pacifista hegemônico

**Alessandro Gagnor Galvão**

*Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados*

*Área de Redação*

O fundamentalismo aqui proposto não tem alicerces no Alcorão, na Bíblia ou em qualquer antologia sagrada e\ou compulsória.

Ancoro meu fanatismo na primeira parte do artigo precedente, nesta edição do **Cadernos Aslegis**; o qual se trata, como todos os textos, de um instrumento, um pré-texto para a contínua e imprevisível emergência de discursos que, ao existirem, dão existência aos nossos pensamentos e a algumas sensações: os constituintes do mundo e do Ego. Fora de nossos pensamentos, fora dos discursos da consciência, estão os outros mundos, o Id que nos rodeia.

Aceitando fanaticamente as premissas do colega, e usando o seu Kit, proponho-me a analisar o discurso que, formulado principalmente pela mídia dos EUA, em interação com suas agências governamentais de inteligência, é apresentado ao resto do mundo como “pacifista”, ou seja, agente da paz.

Escolhi seguir o mais cegamente possível o Kit proposto, sabendo, porém, que a fidelidade canina pode virar cinismo. Afinal, todo discurso é, etimologicamente, um ir e vir, correr por várias partes, como o curso instável de um rio de planície. O discurso cristão começou sendo uma perversão do discurso judaísta anterior, e o discurso islamita nasceu de uma interpretação da bibliografia sagrada hebraico-romana. Dessa forma, o cupido romano empresta sua forma aos anjos do Alcorão.

O discurso é perturbação no curso de um pensamento, e, como tal, perturbação do Ego, da consciência de si e do mundo. Milton Santos, o excepcional geógrafo recentemente falecido, duvidava que estivéssemos na era da comunicação, pois comunicar é emocionar, e a enxurrada informacional contemporânea seria mera cantilena hipnótica, redundância pouco transformadora.

Abandonemos considerações alheias à simplicidade e à coerência que, com o fanatismo metodológico, pretendo obter. Voltemos ao Kit proposto.

O discurso pacifista será aqui analisado como se fora construído em oposição a um discurso antagônico: o discurso belicista, ou **militarista**, segundo o primeiro parágrafo (versículo) do artigo anterior.

Quase ao acaso, baseado nos números primos, seleciono os pontos 1, 3, 5, 7, 11,

13, 17, 19 e 23 dos 24 escolhidos pelo colega. Tal método permite-nos uma amostragem que dará maior relevância aos pontos ditos “fortes” que primeiro surgiram na mente do colega.

Passemos, agora, à linha demarcatória, ou eixo de polarização. Sem pensar muito, opto pela sugestão dada: civilização.

Agora, vamos à montagem.

### **Ponto 1: hegemonia X fragmentação**

Usando o eixo “Civilização”, e, com certa liberdade exagerada, associando-o ao pacifismo (como os EUA e o mundo “civilizado”<sup>1</sup> estão fazendo), como distribuir o antagonismo proposto neste ponto de sustentação de um discurso pacifista?

“Hegemonia” pode se revestir de características bélicas ou pacíficas; “fragmentação”, no entanto, parece-me mais próxima da “guerra de todos contra todos”, se adotarmos a perspectiva hobbesiana, segundo a qual os homens abdicam de seus poderes fragmentados em nome de um leviatã que supostamente garanta a paz: o Estado. Essa visão de mundo gera discursos, e práticas, amplamente difundidas, talvez dominantes. Sendo assim, bitolado pelo desejo de criar um discurso pacifista com trânsito no pensamento hobbesiano (fortemente associado à noção de “civilização” como Estado de Direito), alinho “Hegemonia” com “Pacifismo” e “Fragmentação de Poder” com militarismo. Essa é a visão que embasa os que creem na “paz romana”, ou seja, a paz garantida por um império como os EUA. Um mundo assim supostamente seria mais seguro que outro bipolarizado (Guerra Fria) ou multipolar (Europa antes das guerras mundiais).

### **Ponto 3: vingança X perdão**

Facilmente alinho vingança e militarismo; de outro lado, perdão, pacifismo, civilização.

### **Ponto 5: aliança (paz?) X dispersão (guerra?)**

Talvez. Adotemos essa suspeita, ainda com base nos pressupostos hobbesianos. E ainda com base no eixo proposto: civilização, contraposta à barbárie.

---

<sup>1</sup> É curioso o ressurgimento da expressão colonialista “mundo civilizado”. O Afeganistão tinha uma biblioteca famosa, antes da guerra contra a União Soviética, e um corpo de letrados ao tempo em que analfabetos anglo-saxões pintavam os corpos de azul para venerar árvores. *Me Tarzan, you Cheetah*, parece dizer a expressão “mundo civilizado”, na boca de certos discursos.

**Ponto 7: perspicácia X desorientação**

Ambos aplicáveis ao militarismo. Quanto ao pacifismo, creio (com meus preconceitos) que “desorientação” não é aplicável. Termino, portanto, aliando perspicácia à Paz, e desorientação à Guerra.

**Ponto 11: fácil alinharmos consenso ao pacifismo, e coerção ao militarismo.**

**Ponto 13: ricos X pobres**

Do ponto de vista economicista, riqueza é paz, e pobreza é guerra; adotemos esse ponto de vista, sem discutir nuances ou visões que associem a pobreza à bem-aventurança – pois esse discurso não casa bem com a perspectiva civilizatória, que se refere às cidades terrenas, e não às cidades celestes (ao menos, em princípio) .

**Ponto 17: técnica e sentimento**

Exemplo privilegiado pelo colega. Ambos aplicáveis à paz; ambos aplicáveis à guerra, caso “sentimento” inclua paixões como a raiva ou a inveja. Como nos decidir?

Usemos o eixo “civilização”, e o caso torna-se mais simples. Sentimento e técnica estão do lado da civilização, e não da barbárie. Transformemos então uma possível oposição em concordância: paz é técnica, paz é sentimento.

**Ponto 19: harmonia, paz; caos, guerra.**

**Ponto 23: razão, paz; desrazão, guerra.**

Recapitulemos:

Nos pólos pacifista e militarista teremos, respectivamente:

- A) hegemonia X fragmentação
- B) perdão X vingança
- C) aliança X dispersão
- D) perspicácia X desorientação
- E) apoio consensual X coerção
- F) ricos X pobres
- G) Sentimento e técnica (do lado pacifista) Insensibilidade e imperícia (do lado militarista)
- H) harmonia X caos
- I) razão X desrazão.

Apliquemos, agora, nossos instrumentos ao discurso estadunidense, baliza até

da linha editorial de revistas brasileiras supostamente independentes.<sup>2</sup>

Ponto “A”: os Estados Unidos defendem sua hegemonia: “Conosco ou contra nós”, como disse Bush, devendo mais ao maniqueísmo de Zaratustra (persa do século VIII a. C.) do que ao cristianismo que pensa representar. Não importa: mesmo a data de celebração ao Deus persa do Sol, Mitra, cultuada pelos ecléticos romanos, transformou-se em aniversário de J. Cristo.

Cumprir lembrar, porém, que se “hegemonia” pode estar do lado da paz, o fato de se dizer “conosco ou contra nós” revela que não há hegemonia. Voltaremos, depois, a este ponto problemático, o primeiro do Kit.

Quanto ao ponto **B**, a sede de vingança estadunidense é uma contradição dentro de seu discurso “pacifista”, ou “civilizatório”; civilizado seria, no mínimo, recorrer aos fóruns internacionais historicamente desprezados pelos EUA.

C) “Aliança Internacional contra o terror”: cabe em um discurso pacifista. Ok.

D) Perspicazes, a princípio, foram os terroristas; tal ponto, portanto, tem alguns problemas em ser inserido no discurso pacifista ocidental, a menos que os EUA exibam uma perspicácia proporcional ao seu tamanho, na guerra ou através de meios pacíficos.

E) Aqui também os EUA não se definem muito bem, buscam o consenso ao mesmo tempo que tentam coagir. Polaridade anulada, dentro de seu discurso pacifista.

F) Os EUA, ricos, estão do lado da civilização e de Deus (segundo o protestantismo calvinista). A morte dos pobres torna-se assim mais aceitável. Até mesmo certos discursos de controle da natalidade, ou econômicos, constroem os pobres como entraves ao desenvolvimento, parecendo ver sua morte como um mal necessário.

Ok. Ponto para o discurso estadunidense. Bombardear o Sudão ou o Iraque é diferente de destruir uma economia mais sólida, vital para o capitalismo. Assim como para a polícia e para a sociedade é mais aceitável invadir de madrugada um barraco na favela do que a residência do Sr. Maluf.

G) Técnica e sentimento: os dois estão do lado dos EUA.

H) Harmonia: os EUA são mais harmônicos, ou parecem defender uma harmonia baseada em sua hegemonia. Ponto para os EUA.

I) Razão: os Estados Unidos estão com a razão, em seu discurso, mesmo que apelem para argumentos desrazoáveis. Os eventuais crimes estadunidenses não

---

<sup>2</sup> Grande parte do orçamento da CIA é investido na mídia, não necessariamente na forma de suborno direto. Boas fotos, matérias quase prontas e gráficos bem feitos têm grande chance de serem publicados, a despeito de seu conteúdo ideológico. Não quero dizer que forças econômicas são o único fator envolvido na formação dos discursos, evidentemente.

poderão nem mesmo ser ditos "passionais", vencida a estupefação inicial do 11 de setembro.

### Conclusão

Vemos que o ponto A) aposta numa inexistente hegemonia do discurso estadunidense. Vimos que o ponto B) definitivamente não coaduna com o discurso pacifista; que o ponto D) também o desfavorece, e que o ponto E), tendo seus termos neutralizados, ou convertidos para um mesmo lado da "linha demarcatória" de civilização, não se presta, especialmente, para ser um ponto de sustentação desse discurso "pacifista" hegemônico.

Da nossa amostragem de nove pontos, um foi neutralizado (E), dois outros são contraditórios com a noção de civilização (B, D) e um, a questão da hegemonia (A), não é contraditório com a idéia de civilização ou de paz, mas, ao reconhecer-se como "hegemonia compulsória" (conosco ou contra nós) revela que não é tão hegemônico assim.

Desviando-nos para uma especulação estatística, poderíamos dizer que o discurso pacifista estadunidense, analisado com uma amostragem do kit, é aproximadamente 75% (seis pontos em oito, fora o nono neutro) coerente, usando-se "civilização" como eixo.

Discutimos até agora a coerência interna do discurso; quem o pronuncia crê-se pacifista, dentro de uma perspectiva civilizatória. Resta, porém, a adequação desse discurso aos outros discursos. Ou seja: visto de fora, esse é de fato um discurso pacifista, que convida para a mesa de negociações?

Se analisarmos tal discurso partindo de um de seus componentes mais fortes, ou seja, da declaração fanática de que "ou se está conosco ou se está contra nós", poderíamos concluir que se trata de um discurso que busca a aliciação ou o confronto. Um discurso perigoso, belicista, maniqueísta e que se nega ao diálogo com os diferentes. "Quem não está conosco, está contra nós".

Concluo que o "kit para montar um discurso pacifista" do artigo anterior serviria para montar discursos pacifistas, e que a falha principal do discurso pacifista hegemônico em questão é que ele não se propõe ao diálogo. Quer-se absoluto, e conclama os fanáticos a apoiarem-no, ou a combatê-lo.

Contaminados por esse discurso hegemônico, textos (meus e de outros) surgem para combatê-lo ou apoiá-lo; no entanto, a hegemonia é tão forte, que o combate ao discurso é visto como um combate aos Estados Unidos, ou um apoio ao Talibã.

Nada disso. O que se afirma é que o discurso pacifista hegemônico em questão, apesar de 75% coerente em seu pacifismo civilizatório (nesta análise superficial), não se presta ao diálogo com antagonistas; ao contrário, é uma arma na guerra pelo

convencimento.

O kit proposto funciona inclusive para montar um discurso mentiroso, cujo problema não é de coerência interna, nem de relação com o absoluto, mas de relação com as outras versões. Fanatismo é supor que apenas certos discursos possam ter direito a voz, negando-se a expô-los ao resto da rede discursiva.

A “Verdade”, ou efeito de verdade, deve emergir da intertextualidade, do apoio na rede de textos em questão, e não de ordens textuais. Ao proibir-se certos discursos, ou tomar-se alguns como absolutos (“conosco ou contra nós”), consegue-se apenas a paz dos cemitérios, ou a verdade dos monólogos esquizofrênicos. Como foram, aliás, as “verdades”, teológicas ou científicas, que construíram grande parte da civilização – ocidental ou não.